

Até na terra do Tio Sam, eleição desperta interesse

Empresários e investidores dos EUA acompanham dia-a-dia da campanha e as pesquisas dos candidatos à presidência:

Amalia Maranhão

Correspondente

• NOVA YORK. A disputa pela presidência da República não é um assunto de interesse exclusivo dos brasileiros. Nos Estados Unidos, centenas de pessoas acompanham a campanha e os resultados das pesquisas. São executivos, analistas de mercado, operadores de ações de empresas e de títulos brasileiros na Bolsa de Valores e empresários com interesses diretos ou indiretos no país.

Segundo Tom Trebat, responsável pelos investimentos na América Latina do Citicorp, acompanhar a situação brasileira faz parte do dia-a-dia do mundo financeiro e econômico dos EUA.

Dentre as 500 maiores empresas americanas, pouquíssimas delas, afirma o executivo, não têm algum tipo de investimento e até mesmo patrimônio no Brasil.

Só este ano o Conselho das Américas realizou em Nova York seis painéis sobre política e economia brasileiras, além de dois outros no Rio e em São Paulo. O presidente do Conselho, embaixador Everett Briggs, apresenta como justificativa para tantos eventos as centenas de empresários filiados à instituição com alguma ligação financeira ou econômica com o Brasil.

Os presidentes do Banco Central, Gustavo Franco, e da Câmara de Comércio Exterior, Roberto Mendonça de Barros, presentes

aos encontros, tiveram de adicionar temas políticos ao seu repertório. Além de falar sobre os ajustes econômicos que Fernando Henrique pretende realizar em um possível segundo mandato, tiveram de responder a perguntas sobre as chances de vitória e a condução das negociações das reformas no Congresso.

Evolução das pesquisas são seguidas com interesse

O próprio presidente da República, quando visitou os EUA no começo de junho, foi bombardeado por perguntas de empresários sobre o porquê da lentidão da reforma constitucional e a sua disposição de adotar remédios amargos para a economia brasi-

leira, já prescritos antes da eclosão do problema na Rússia.

Analistas econômicos de renome em Nova York, como Paulo Lemme, do Banco Goldman Sachs, e Arminio Fraga, da Fundação George Soros, foram ao auditório do Conselho das Américas e ao seminário sobre investimentos no Brasil promovido pelo Consulado, para expor aos empresários americanos seus pontos de vista quanto às possibilidades e aos riscos de investimentos no país.

Em Atlanta, na Georgia, o comando da gigante das telecomunicações MCI, agora proprietária da Embratel, pelo menos até a realização do leilão acompanhou de perto todas as pesquisas eleitorais. Embora não se manifeste

sobre questões políticas, um dos membros da diretoria, Purificacion Carpinteyro, está receosa de que os interesses de sua empresa sejam contrariados, e mandou recado à oposição: "É preciso não subverter as instituições jurídicas com a anulação de leilões legítimos, autorizados por lei".

Investidores acompanham diariamente política econômica

Os operadores da Bolsa de Valores de Nova York não escondem seu interesse pelas eleições. Michael Pettis, responsável pelas estratégias de investimento na América Latina do Banco Bear Stearns, diz que sua equipe conversa diariamente com financistas, empresários, funcionários do

governo e políticos brasileiros.

— Os interesses dos nossos investidores estão diretamente vinculados à política.

Essa mesma posição é defendida por Jim Barrineau, encarregado da América Latina do banco Salomon Brothers. O grau de acompanhamento do processo eleitoral é tão alto que Michel Pettis chega a comentar nuances que a maioria dos eleitores ignora. Na sua opinião, Fernando Henrique precisa vencer no primeiro turno para evitar especulações no mercado financeiro entre uma votação e outra.

— Mesmo que a diferença de votos seja expressiva, a hipótese de segundo turno alimenta os especuladores — afirmou. ■